

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



A SENSIBILIDADE MORAL EM CRIANÇAS SOBREDOTADAS:
UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Bruna Filipa Lourenço Ferreira

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
Secção de Psicologia Clínica e da Saúde
Núcleo de Psicoterapia Cognitiva – Comportamental e Integrativa

2016

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



A SENSIBILIDADE MORAL EM CRIANÇAS SOBREDOTADAS:
UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Bruna Filipa Lourenço Ferreira

Orientada por Sara Bahia

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Secção de Psicologia Clínica e da Saúde

Núcleo de Psicoterapia Cognitiva – Comportamental e Integrativa

2016

Porque existe Guerra? Como é que conseguimos comer bife e pizza e gelado quando existem pessoas em todo o mundo a passar fome? Porque dizemos que é errado matar pessoas e depois executamos assassinos? O que é que os terroristas pretendem conseguir? Porque é que os seres humanos odeiam pessoas de outras raças, países e religiões? Porque matamos animais e árvores como se eles não fossem nada?

Questões de crianças sobredotadas

Stephanie Tolan, *The Lemming Condition* (trad.), 1998

Resumo

Neste estudo de carácter exploratório e qualitativo os objectivos principais são aumentar a compreensão do conceito de sensibilidade moral em crianças sobredotadas e compreender qual o impacto que o fenómeno tem na vida das crianças, assim como as questões morais específicas com que se preocupam. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas a crianças sobredotadas com idades entre os 8 e os 15 anos e aos seus respectivos pais (N= 11). A análise temática das entrevistas recolhidas sugere que a sensibilidade moral se começa a manifestar por volta dos 6 anos com a entrada para a escolaridade primária e que existe um grande impacto na vida diária das crianças em vários aspectos (e.g., ajustamento social, estratégias de coping). As preocupações morais mais comuns destas crianças são a injustiça, o ambiente e os maus tratos a animais.

Palavras-chave: sensibilidade moral, sobredotação, preocupações morais

Abstract

This exploratory and qualitative research seeks to increase the understanding of moral sensitivity in gifted children and the impact of the phenomenon in their daily lives, as well as the specific moral issues that concern them. Semi-structured interviews were conducted with both the children (aged 8 to 15 with a diagnosis of giftedness) and their parents (N= 11). The thematic analysis of the data suggests that moral sensitivity manifests itself around 6 years of age, with the entrance to primary education, and also that its impact spans across several aspects (e.g., social adjustment, coping strategies). The most common moral issues identified in the sample were concerns with injustice, the environment and animal cruelty.

Keywords: moral sensitivity, giftedness, moral issues

Índice Geral

Introdução	1
A sobredotação e suas características.....	1
O desenvolvimento da moralidade e a sensibilidade moral	3
Objectivos e relevância do problema	8
Método	9
Participantes	9
Instrumentos	10
Procedimento.....	11
Resultados e discussão	12
Características de sensibilidade moral identificadas na amostra	12
Reconhecimento da existência de sensibilidade moral	15
Impacto da sensibilidade moral.....	17
Preocupações morais	22
Estratégias parentais.....	27
Conclusão.....	29
Referências bibliográficas.....	31
Anexos	36

Introdução

A sobredotação e suas características

A miríade de sinónimos utilizados na literatura para descrever o sobredotado – talentoso, brilhante, QI elevado, génio, prodígio, entre outros – mostra o quão difícil é definir o conceito de sobredotação. Os primeiros estudos sobre a sobredotação cingiram-se à componente cognitiva, nomeadamente o estudo longitudinal de Terman nos anos 20 que identificou as crianças sobredotadas como as que obtinham um QI igual ou superior a 140 na escala de Binet-Simon (Falcão, 1992). No fim desta década Leta Hollingworth mostrou interesse nas capacidades socioemocionais do sobredotado e na influência de outros factores como o ambiental e o educacional para a manifestação da sobredotação (Silverman, 1992).

O estudo da sobredotação seguiu a mesma tendência que outros objectos de estudo nas diversas áreas da psicologia: enquanto inicialmente existia uma primazia dos factores cognitivos e da inteligência em detrimento de outros considerados menos válidos (e.g., emoção, personalidade) com o tempo o conceito expandiu-se para englobar factores e conceitos cada vez mais abrangentes e sistémicos (e.g., motivacionais, sociais, emocionais). No início deste século François Gagné veio apoiar a proposta de Leta Hollingworth, considerando no seu Modelo Diferenciado de Sobredotação e Talento que a sobredotação tem uma componente essencialmente hereditária mas que sem estimulação e influência de factores como os sociais e ambientais o potencial para a sobredotação não se traduz no desenvolvimento de talentos específicos (Gagné, 2000).

Mais recentemente Renzulli (2011) desenvolveu o Modelo dos Três Anéis da Sobredotação em que a sobredotação é vista como a interacção de três características – habilidade intelectual superior (não necessariamente a nível académico, pode ser uma habilidade superior musical ou artística), criatividade (capacidade para resolver problemas de

forma original e inovadora) e envolvimento na tarefa (motivação intrínseca). Este autor revolucionou o conceito de sobredotação ao incluir na definição a criatividade e a motivação como necessárias para a manifestação da sobredotação. A teoria das inteligências múltiplas de Howard Gardner (2011) permitiu também olhar a inteligência como uma multitude de habilidades, podendo-se então falar em sobredotação para qualquer uma das inteligências, não sendo necessária habilidade superior em todas elas.

Se existe muita controvérsia entre os autores que estudam a sobredotação quanto à real definição de sobredotação também existe algo que é consensual: a sobredotação traduz-se num desenvolvimento assíncrono que se manifesta através de competências mais avançadas do que a norma para o grupo de pares (The Columbus Group, 1991). De facto a assincronia parece ser uma das principais características da sobredotação – Terrasier (1985) observou que as crianças sobredotadas de várias culturas apresentam uma maior discrepância entre várias dimensões do seu desenvolvimento do que crianças que seguem o desenvolvimento normativo. As crianças sobredotadas desenvolvem-se a um ritmo muito diferente dos seus pares, o seu desenvolvimento intelectual pode ser mais avançado mas, por exemplo, o seu desenvolvimento motor pode estar ao mesmo nível que o grupo de pares. Para ajudar a compreender este fenómeno pode ser interessante pensar no conceito de idade mental (ou nível mental) introduzido por Binet em 1905 (citado por Gregory, 2013). Binet construiu este conceito como uma forma de comparar a eficiência cognitiva de uma criança e a forma como esta difere de outras crianças da mesma idade cronológica (Gregory, 2013). Embora seja um conceito em desuso coloca em perspectiva a dificuldade que é em ter, por exemplo, um rapaz de 16 anos com a eficiência cognitiva de uma criança de 9 anos. Mas o oposto também é verdade: é igualmente um desafio ter a eficiência cognitiva de 16 anos presa num corpo de 9 anos. Este tipo de assincronia tende a ser vista na nossa sociedade como um mal menor não merecedor de preocupação.

Pela grande heterogeneidade que se encontra entre crianças com sobredotação talvez uma melhor forma de definir o conceito seja através de algumas características que são comuns a todas elas ou pelo menos frequentes. As crianças sobredotadas tendem a aprender com pouco esforço e treino, a trabalhar com rapidez, gerar soluções criativas para os problemas, manifestar autonomia e independência desde cedo, preferir a companhia de adultos em vez de crianças da mesma idade, manifestar emoções intensas, grande sensibilidade aos problemas dos outros, elevado sentido de justiça e grande empatia com os outros (Rodrigues, 2010). Winner em 1996 (citado por Pocinho, 2009) caracteriza as crianças sobredotadas como precoces a vários níveis, capazes de se desembaraçarem sozinhas e interessadas em procurar e adquirir novos conhecimentos. Estas crianças são também interessadas em questões filosóficas demasiado avançadas para a sua idade e são atraídas pelo que é criativo, artístico e imaginativo (Smutny, 2011).

O desenvolvimento da moralidade e a sensibilidade moral

A tendência com a sobredotação foi sempre estudar o desenvolvimento cognitivo mas com o tempo outras características começaram a ser estudadas, uma delas o desenvolvimento moral e de especial interesse para este estudo a sensibilidade moral. O estudo da moralidade focou-se, desde cedo, no raciocínio moral com autores como Kohlberg e Piaget (Fleming, 2005). Grande parte dos estudos sobre a moralidade utiliza dilemas morais, normalmente os criados por Kohlberg, para compreender como é que os sujeitos raciocinam sobre a moralidade e sobre o que está certo e errado. Um instrumento muito utilizado e que permite colocar as respostas dos indivíduos nos estádios morais criados por Kohlberg é o Defining Issues Test (DIT) criado por James Rest (Lourenço & César, 1991; Rest, 1979). Mas Rest compreendeu que o raciocínio moral era insuficiente para explicar o funcionamento moral. O autor desenvolveu um modelo, conhecido como o Modelo de Quatro Componentes de Rest, em que identificou quatro componentes essenciais para a produção de comportamentos

morais (Rest, 1979). Estes quatro componentes são o raciocínio moral, a motivação moral, a sensibilidade moral e o carácter moral (Bebeau, Rest & Narvaez, 1999). Para o autor a sensibilidade moral envolve não só reparar e ser receptivo a problemas moralmente relevantes como também imaginar possibilidades de acção, assim como as suas consequências no tempo em termos de resultados e reacções dos outros (Power et al., 2008)

Em crianças não sobredotadas espera-se que exista uma certa sensibilidade moral que se desenvolve por volta da pré-adolescência/adolescência pois é nesta fase que as capacidades cognitivas e o desenvolvimento moral potenciam a manifestação desta característica. A perda do egocentrismo durante o ensino médio permite-lhes descentrar-se dos seus próprios processos e ver as regras morais através da perspectiva dos outros (Piaget, 1932). O desenvolvimento das operações formais coloca à sua disposição toda uma nova compreensão sobre conceitos abstractos como a moralidade. Compreendem que a moralidade não é universal e não existe uma bússola moral que toda a gente tenha de adoptar (Piaget, 1932). Desenvolvem uma moralidade autónoma que se baseia não em regras que lhes foram incutidas por outrem mas em regras que elas próprias puderam desenvolver e pensar sobre – deixa de existir o “bem” e o “mal” como polos extremos e começa a existir um contínuo entre o que é moral e o que é imoral (Piaget, 1932). Se pensarmos nos estádios de Kohlberg, é nesta altura que se atingiriam estádios morais mais avançados, idealmente o estágio pós-convencional (Kohlberg, 1976).

É então possível compreender porque é que as crianças sobredotadas tendem a desenvolver-se moralmente bastante mais cedo do que as crianças não sobredotadas e a exibir sensibilidade moral – o seu rápido desenvolvimento intelectual abre as portas a outros tantos desenvolvimentos precoces, como o da moralidade. Estudos sugerem que o desenvolvimento moral está directamente relacionado com a existência de QI elevado – isto é, uma pessoa *muito moral* tem tendência a ser também bastante inteligente (Narvaez, 1993). No entanto o

contrário não é verdade, uma pessoa muito inteligente não tem necessariamente de ser *muito moral* (Narvaez, 1993). Vários autores encontraram um raciocínio moral superior em crianças sobredotadas quando comparadas com crianças não sobredotadas (Silverman, 1994).

Ramaseshan (citado em Kályoi, 2006) comparou crianças não sobredotadas (QI 90-110) com crianças “moderadamente” sobredotadas (QI 120-129) e ainda crianças consideradas muito sobredotadas (QI igual ou superior a 130) e verificou que quanto mais elevado o QI mais preocupações morais as crianças manifestam e verbalizam. Noutro estudo em que os resultados da WISC-R (Escala de Inteligência de Weschler) foram comparados com os resultados do DIT (Defining Issues Test) observou-se uma correlação positiva entre os mesmos – as crianças identificadas como sobredotadas pela WISC atingiram estádios mais elevados de moralidade do que as crianças da mesma idade cronológica (Tirri, Nokelainen & Mahkonen, 2009).

Embora a sensibilidade moral tenha sido estudada no contexto do desenvolvimento da moralidade uma pessoa sensível do ponto de vista moral utiliza diversas competências bastante relacionadas com o conceito de sensibilidade interpessoal (e.g., capacidade de ver as situações pela perspectiva de outra pessoa, empatizar com os outros e interpretar uma situação tendo em conta a forma como os outros serão afectados pela mesma, a preocupação com o bem-estar dos outros) (Tirri, 2011). A sensibilidade moral parece então partilhar algumas características associadas a um tipo de inteligência estudado por Howard Gardner e, mais recentemente, por Daniel Goleman – a inteligência social ou inteligência interpessoal, definida como uma grande consciência social que nos permite darmos bem com os outros e de fazer com que estes cooperem connosco (Goleman, 2006). De acordo com Bebeau et al. (1999) a sensibilidade moral é a consciência de como as nossas acções afectam outras pessoas e envolve estar consciente das diferentes possíveis formas de agir e como cada acção pode afectar as pessoas envolvidas (incluindo o próprio). Darcia Narvaez (2001)

operacionalizou a sensibilidade moral para incluir sete competências: ler e expressar emoções, tomar a perspectiva do outro, preocupar-se com os outros, adaptar-se a diferenças interpessoais e de grupo, prevenir vieses sociais, gerar interpretações e opções, identificar as consequências dessas opções e diferentes acções.

Num estudo conduzido por Silverman (1983) em que foi pedido aos pais que descrevessem os seus filhos sobredotados, a palavra “sensível” foi usada com mais frequência do que qualquer outro traço – 90% das 241 crianças foram descritas com esse adjectivo. A sensibilidade manifesta-se de muitas formas e em diversos domínios: os seus sentimentos são magoados com facilidade, sentem a dor dos outros como se fosse do próprio, começam a chorar facilmente (Silverman, 1994). As crianças sobredotadas mostram também uma grande compaixão pelos outros e preocupam-se com o que é justo (Rogers, 1997). A sensibilidade moral pode ser observada em crianças sobredotadas desde tenra idade (Hollingworth, 1942; Sword, 2001) e estas crianças tendem a apresentar uma sensibilidade moral superior a crianças sem sobredotação (Narvaez, 1993). Foi também observado que estas crianças têm ideais morais muito elevados e mostram uma preocupação com questões morais, filosóficas, espirituais e metafísicas em idades muito precoces (Károlyi, 2006; Silverman, 1994). Outros investigadores têm encontrado resultados que suportam a ideia de que estas crianças têm um raciocínio moral bastante avançado e atingem estádios morais mais elevados do que a maioria dos adultos (Roepers, 1988; Tolan, 1998; Vare, 1979).

Existem estudos importantes realizados sobre a existência de uma consciência precoce para problemas morais. Alguns estudos realizados sobre a temática sugerem que as crianças sobredotadas apresentam mais consciência sobre problemas morais e mais preocupação com os mesmos do que as crianças da mesma idade sem sobredotação (e.g., racismo, discriminação, fome, guerra) (Gullone, 2000; Proctor, 1929; Winstead, 1999).

Não existem muitos estudos científicos sobre o fenômeno de sensibilidade moral mas existem diversos relatos de autores que lidam com crianças sobredotadas e que se deparam com esta capacidade extrema de empatizar com os outros. Num livro de Linda Silverman a autora relata o que uma mãe diz sobre a sua filha: “de uma idade precoce a Kay exibía uma consciência invulgar pelo mundo à sua volta, particularmente pelos sentimentos e necessidades dos outros. Ela parecia frequentemente sobrecarregada pelo peso do conhecimento para o qual não tinha ainda maturidade emocional” (Silverman, 1993, p.63).

Os profissionais que trabalham com estas crianças relatam uma atenção incomum e intensa a problemas do mundo tais como a paz mundial, animais em situação de risco e o buraco da camada do Ozono (Silverman, 1994). Estas crianças tendem também a ser muito idealistas pois conseguem imaginar como é que o mundo deveria ser e, por esse motivo, esperam que as pessoas com o poder para fazer a diferença (os adultos) mudem o mundo para melhor. Quando tentam partilhar estas preocupações com outros, normalmente os seus pares, deparam-se com hostilidade, confusão ou gozo (Webb, 1998). Apercebem-se de que os outros, principalmente os da sua idade, não partilham as mesmas preocupações e ideais. A grande empatia que estas crianças são capazes de criar pelos outros torna-as vulneráveis a todas as formas de insensibilidade e intolerância que vêm ao seu redor. Tendem também a responsabilizar-se pela resolução dos problemas com que se deparam, normalmente tendo pouco sucesso em resolvê-los por falta de recursos e ajuda (Sword, 2001). As crianças sobredotadas apresentam ainda mais medos e preocupações do que crianças não sobredotadas (Lamont, 2012) e embora utilizem competências cognitivas e comportamentais para lidar com os mesmos apresentam pobres competências emocionais e estratégias de coping (Paiva, 2014).

Existem indícios de que a sensibilidade moral é uma característica que tende a ser encoberta a partir de uma certa idade, principalmente nos rapazes (Silverman, 1994). Não

existem estudos sobre este fenómeno mas existem diversos relatos de crianças que apresentavam características de sensibilidade moral e que, com o tempo, acabaram por perdê-las. Não está claro se este desaparecimento das características de sensibilidade moral acontece de forma espontânea com o avançar da idade ou se é uma estratégia consciente de repressão por parte da criança que, apercebendo-se de que o grupo de pares não partilha as mesmas preocupações, começa a esconder e reprimir as características associadas à sensibilidade moral. Joan Smutny (2011) hipotetiza que seja a segunda opção – uma estratégia de repressão: “quando estas crianças despertam para a ideia de que as pessoas em seu redor não vêem, sentem ou pensam da mesma forma que eles próprios podem decidir conformar-se com a forma de ver, sentir e pensar da maioria” (p.444). Existem também vários relatos de pais que não são capazes de lidar com a precocidade das preocupações destas crianças (Tolan, 1998).

Objectivos e relevância do problema

O presente estudo tem como objectivo aumentar a compreensão do conceito de sensibilidade moral em crianças sobredotadas e compreender qual o impacto que o fenómeno tem na vida das crianças. Tenciona-se recolher informação sobre as questões morais com que as crianças se preocupam, os desafios e dificuldades percebidos tanto pelas crianças como pelos pais e estratégias de coping que as crianças utilizam. É também um objectivo perceber quais as estratégias que os pais utilizaram com as suas crianças quando se aperceberam de que existia uma grande sensibilidade para questões morais. A relevância do problema de investigação prende-se com a quase inexistência de informação sobre uma temática que representa uma grande preocupação para as crianças sobredotadas, famílias e pessoas que lidam com estas crianças. A sensibilidade moral em crianças sobredotadas tem sido associada a uma maior incidência de ansiedade, perturbações do sono, sentimentos de impotência, isolamento social, stress, entre outras manifestações inadaptables (Harrison & Van

Haneghan, 2011; Lamont, 2012). Uma melhor compreensão da sensibilidade moral pode auxiliar a criação de medidas educativas e estratégias parentais que amenizem os efeitos da mesma e contribuam para um melhor desenvolvimento global e melhor adaptação destas crianças. Para ir ao encontro dos objectivos e tendo em conta a natureza exploratória e descritiva do projecto formulou-se as seguintes questões de investigação:

- a) Como se manifesta a sensibilidade moral nas crianças sobredotadas?
- b) Quais as preocupações morais específicas com que as crianças se deparam?
- c) Qual o impacto da sensibilidade moral na sua vida diária?
- d) Quais as estratégias utilizadas pelos pais na lida com as suas crianças?

Método

Participantes

Foram recrutadas para o estudo 6 crianças/pré-adolescentes com diagnóstico prévio de sobredotação (QI igual ou superior a 130) e os seus respectivos pais. O recrutamento foi feito na delegação de Lisboa da Associação Nacional para o Estudo e Intervenção na Sobredotação (ANEIS) onde os pais das respectivas crianças foram abordados e convidados a participar no estudo. As crianças têm idades entre os 9 e 15 anos ($M= 11,33$), de ambos os sexos (3 meninas e 3 meninos). São todas de raça caucasiana e nacionalidade portuguesa. Quanto à escolaridade existem dois meninos no 4º ano, uma menina no 5º ano, duas raparigas no 7º ano (uma delas com aceleração escolar) e um rapaz no 9º ano. Devido à natureza do estudo era necessário encontrar crianças que tivessem já manifestado os comportamentos que se pretende estudar (sensibilidade moral) e, como tal, a selecção dos participantes foi realizada com o auxílio da coordenadora da associação que conhece bem as crianças com quem trabalha há vários anos e que sinalizou os que correspondiam às características em estudo.

Instrumentos

Foram utilizados dois guiões de entrevista semi-estruturada. Os guiões foram construídos pela investigadora com base na revisão da literatura e com fim a dar resposta aos objectivos da investigação já expostos. Um dos guiões teve como alvo as crianças e adolescentes que compõem a amostra e teve como principais objectivos recolher a seguinte informação: reconhecimento (ou não) da criança em como manifesta sensibilidade moral; características de sensibilidade moral que se manifestam na criança; questões morais com que se preocupa: dificuldades e desafios percebidos pela criança por ser mais sensível do ponto de vista moral; como se compara com o grupo de pares quanto a esta dimensão e estratégias de coping (ver guião de entrevista no anexo A). Para a recolha de informação sobre as questões morais específicas com que as crianças se preocupam equacionou-se a utilização de uma lista de preocupações morais retiradas da literatura mas considerou-se que ao dar uma lista a crianças com estas características elas identificariam todas como sendo preocupantes o que seria contraproducente face aos objectivos.

O segundo guião de entrevista foi dirigido aos pais das crianças utilizadas para a amostra (ver guião de entrevista no anexo B). Esta entrevista teve como objectivos recolher a seguinte informação: reconhecimento (ou não) da existência de sensibilidade moral nos seus filhos; como se manifesta esta sensibilidade; idade ou altura em que perceberam que a criança era um pouco diferente nesta dimensão; como comparam a sua criança com o grupo de pares; que preocupações morais é que a criança verbaliza; desafios e dificuldades percebidos pelos pais em lidar com a criança; estratégias que utilizam com a criança relativamente às suas preocupações morais.

Sendo a identificação de preocupações morais um grande objectivo considerou-se importante clarificar o que se considerou ser uma questão ou preocupação moral. Foram encontradas na literatura diversas opiniões e estudos quer em filosofia quer em psicologia

sobre o que deve ser considerado uma questão ou dilema moral, cada uma com os seus argumentos a favor e críticas. Na presente investigação considerou-se que todas as situações em que as acções de uma pessoa ou grupo de pessoas podem afectar uma entidade, qualquer que seja a sua natureza (e.g. animal, pessoa, instituição) constituem uma questão moral (Gert & Gert, 2016).

Procedimento

Mediante a aceitação em participar no estudo por parte dos participantes foi realizada a entrevista semi-estruturada, primeiro às crianças e depois aos pais. As entrevistas foram gravadas (mediante autorização) e posteriormente transcritas e tratadas com o software NVIVO (versão 11) onde se procedeu a uma análise temática. Esta análise temática seguiu uma metodologia maioritariamente indutiva – as categorias seguiram-se dos dados recolhidos – embora a categoria sobre as características de sensibilidade moral tenha sido um resultado directo da revisão da literatura uma vez que o seu objectivo era justificar que as crianças utilizadas na amostra apresentavam as características associadas à temática em estudo. Quando as respostas dadas pelas crianças e pelos pais eram contraditórias foi levada em conta apenas a resposta da criança. Esta escolha recai na compreensão de que a sensibilidade moral é um fenómeno muito mais internalizante do que externalizante (Achenbach & Rescorla, 2001) e, por esse motivo, quando as crianças expressam ter preocupações morais e os pais dizem que não repararam é assumido que as crianças têm uma maior autoridade para compreender os seus próprios processos internos do que os pais.

Para além das entrevistas realizadas foram também codificadas três entrevistas de uma tese sobre as percepções de crianças sobredotadas e os seus pais em relação às relações com os pares (Costa, 2012). O guião de entrevista utilizado pela Filipa Costa nada tinha a ver com a sensibilidade moral, no entanto os pais sentiram necessidade de falar sobre esse fenómeno sendo algumas das respostas muito relevantes.

Resultados e discussão

Em todos os excertos de entrevista expostos nesta secção foram utilizados pseudónimos para proteger a privacidade e anonimato dos participantes. A análise temática realizada às respostas das entrevistas resultou em cinco categorias principais divididas em subcategorias organizadas num sistema hierárquico (tabela com categorias e número de referências no anexo C). Ao todo o sistema hierárquico perfaz um total de 55 categorias interrelacionadas entre si. Quatro das cinco categorias principais vão ao encontro das questões de investigação e respondem directamente às mesmas, motivo pelo qual não existe uma secção específica para a discussão das questões de investigação.

Características de sensibilidade moral identificadas na amostra

Esta categoria surgiu da necessidade de justificar que as crianças utilizadas na amostra manifestavam as características normalmente associadas na literatura ao fenómeno de sensibilidade moral. Esta categoria principal responde à seguinte questão de investigação – como se manifesta a sensibilidade moral em crianças sobredotadas?

Sentido de justiça e internalização.

Estas são as duas categorias mais salientes na amostra. O sentido de justiça é a categoria com mais referências - das 11 fontes utilizadas para a análise de dados, dez (90.7%) fizeram referências à existência de um sentido de justiça mais manifesto do que o do grupo de pares. Esta característica é encontrada na literatura em crianças com sensibilidade moral, com ou sem sobredotação e é apontada como uma das principais no que toca a sensibilidade moral (Rodrigues, 2010; Silverman, 1994; Tirri, 2011).

A segunda característica com mais referências é o que se chamou “internalização”, designação inspirada pelo trabalho de Achenbach (1991) sobre perturbações internalizantes, no entanto não se pretende de todo adoptar uma perspectiva patológica do conceito.

Internalização foi um termo utilizado para definir a forma como as crianças preferem sofrer consigo mesmas do que expressar a preocupação a outrem ou falar sobre o que as preocupa. É uma característica pouco referida na literatura e que não é das mais salientes quando se define sensibilidade moral mas 55% da amostra utilizada fez referências a esta característica. Um exemplo que ilustra bem esta característica: “ele nunca me vem dizer essas coisas. Eu não o ajudo a resolver nada, ele é muito interiorizado e não desabafa, é muito raro. Nunca me conta nada, eu não sei de nada”. E ainda: “a minha filha não fala assim muito daquilo que pensa. (...) Ela chora mas não é fácil para ela verbalizar (...) porque isso magoa. Vive as coisas de uma maneira diferente do que uma criança deveria viver com a idade dela” (mãe de Maria, 9 anos). Talvez esta tendência para interiorizar e evitar a manifestação de preocupação dificulte também a recolha de dados sobre a sensibilidade moral, visto que é necessária a exploração de pensamentos e sentimentos que a criança pode não estar disposta a partilhar.

Altruísmo e solidariedade, empatia com os outros, defesa dos outros e descentração.

As seguintes características com mais referências serão discutidas em conjunto por se considerar que estão muito relacionadas. São elas, por ordem de referências: altruísmo e solidariedade (referida por 64% da amostra), empatia com os outros (55% da amostra), defesa dos outros (45% da amostra) e descentração (45% da amostra). Tanto a empatia como a descentração são dois pilares muito importantes na caracterização de crianças com sensibilidade moral (Silverman, 1994; Webb, 1998). Sem a capacidade de se colocar no lugar do outro e ver as situações pela sua perspectiva (descentração) seria muito difícil sentir também empatia pelo outro, ser altruísta e solidário, defender a posição dos outros e procurar a cooperação. São crianças que se preocupam com o bem-estar dos outros e tentam ajudá-los: “eu quando havia alguma coisa com os meus colegas que eu achava errado ia sempre lá, tentava sempre ajudar” (Eduardo, 15 anos). São crianças com uma grande capacidade para

empatizar com os problemas dos outros: “esse é o problema. É a empatia em demasia. Que não é em demasia porque eu compreendo perfeitamente mas do ponto de vista das outras crianças daquela idade é em demasia claro” (mãe de Simão, 9 anos).

Helplessness (desamparo).

Refere-se ao sentimento de impotência e desamparo que um indivíduo sente, normalmente estudado no contexto de depressão (Beck, 1988; Kashani, Dandoy & Reid, 1992). O termo é usado neste estudo para definir esse mesmo desamparo do ponto de vista em que a criança sente que nada pode fazer para modificar o que a preocupa. Não tem recursos, autoridade nem capacidades para “mudar o mundo” e não existem outras pessoas que se preocupem e que a possam ajudar. Esta característica não foi encontrada na literatura mas existe referência à tendência destas crianças para se responsabilizarem pela resolução dos problemas com que se deparam, normalmente tendo pouco sucesso em resolvê-los por falta de recursos e auxílio (Sword, 2001). 27% da amostra, principalmente as crianças, referiram sentimentos de impotência e desamparo: “é preciso ajuda só que as pessoas que querem ajudar acabam por ser barradas com uma fronteira que diz que elas não podem fazer nada. Gostava que houvesse mais oportunidades para pessoas da minha idade para participarem nestas coisas” (Carolina, 13 anos).

Restantes características identificadas.

As restantes características serão discutidas em conjunto por terem uma menor presença na amostra e não serem tão representativas quanto as até aqui discutidas. Uma das mães referiu que a sua filha tem uma memória excepcional para o que acontece e tende a fazer ruminação de pensamentos: “ela lembra-se, ela sabe que aconteceu aquilo, ela não esquece. E acho que não é normal para a idade dela” (mãe de Maria, 9 anos). Esta característica é referenciada na literatura como estando associada à sobredotação em geral, não especificamente associada à sensibilidade moral (Sword, 2001). A próxima característica

na hierarquia – lealdade para com os outros – foi também referida por apenas uma criança e pela sua mãe. A lealdade com os outros aparece na literatura como uma característica importante na sensibilidade moral pois está directamente relacionada com a capacidade de empatizar com o outro e com a descentração (Smutny, 2011).

A recusa em fazer o que a criança considera moralmente errado é uma característica bastante importante da sobredotação, particularmente das crianças com um desenvolvimento moral mais avançado (Freeman, 2008). Uma mãe mencionou que o seu filho recusa defender-se dos outros pois considera que para se defender teria de fazer algo que é errado (e.g., fazer queixa, dar-lhe um pontapé) e que, por isso, prefere não se defender. Outra característica muito comum da sobredotação em geral e não especificamente da sensibilidade moral é a procura da companhia de crianças mais velhas e de adultos. Existem referências de uma criança e uma mãe a esta característica, indicando que buscam activamente o contacto com pessoas mais velhas, percebidas como estando “ao seu nível”, em detrimento das crianças da sua idade. As últimas duas categorias identificadas na amostra não são também exclusivas da sensibilidade moral mas sim características gerais da sobredotação. São elas a criatividade e a perseverança/teimosia. Estas duas características aparecem na literatura como possíveis indicadores de sobredotação a que os pais devem estar atentos (Smutny, 2011).

Reconhecimento da existência de sensibilidade moral

Categoria onde se recolhem as verbalizações tanto de pais como crianças quanto ao reconhecimento da existência do fenómeno em estudo. 100% da amostra composta por pais reconhece que existe uma grande sensibilidade moral nos seus filhos. Os pais expressam a sua preocupação quanto ao nível de sensibilidade dos seus filhos e impotência para ajudá-los. Mencionam evitar expô-los aos *media* (e.g., rádio, canais de notícias) pois as notícias deixam-nos preocupados: “houve uma altura em que ligava o rádio do carro, mas deixei de o

fazer, porque o Manuel prestava atenção àquilo tudo, e ficava preocupado” (mãe de Manuel, 8 anos). Outro exemplo considerado importante:

Ela é muito sensível a esse tipo de questões e eu até fico um bocado desesperada porque acho que ela está numa fase em que até é demasiado sensível, isso perturba-a ao ponto de lhe afectar outros domínios. Ela tem essa consciência moral profundamente marcada ao ponto de essas questões serem mais importantes actualmente do que outras como as questões académicas. (mãe de Carolina, 13 anos).

100% das crianças reconheceram-se como muito sensíveis para questões morais.

Mencionam procurar modificar o comportamento dos outros e levá-los a fazer as coisas da forma que consideram “mais moral” e correcta. Mencionam ter preocupações com vários assuntos e que isso os tem acompanhado durante toda a vida. Existe uma referência em particular que parece ser a que melhor define não só esta categoria como também o sofrimento destas crianças: “eu penso [em questões morais] mas não quero pensar. E fico triste com isso. Há uma coisa que depois gere todas as outras coisas: as pessoas não se preocupam se as outras estão tão bem como elas. Deixa-me chateada” (Sofia, 13 anos).

Idade ou altura desta percepção.

100% das referências a esta categoria, quer de pais quer de crianças, mencionam que esta percepção ocorreu na altura da escolaridade primária, por volta dos 5, 6 ou 7 anos. Não é um resultado surpreendente se for tido em conta que é com a entrada para a primária que as crianças exploram mais o seu contexto, criam mais relações interpessoais e desenvolvem muitas competências socio-emocionais que até aí não existiam ou, pelo menos, não se manifestavam tanto (Piaget, 1932). É interessante questionar se a sensibilidade já existe antes desta idade mas as crianças têm dificuldade em manifestá-la por falta de competências emocionais, linguísticas e de raciocínio ou se a sensibilidade moral se desenvolve com o

acrescido contacto com o mundo exterior, que é substancialmente maior com a entrada na primária. Não existem respostas a estas questões na revisão da literatura e também não é possível encontrar resposta a partir das entrevistas realizadas.

Comparação com o grupo de pares.

Cinco das seis crianças entrevistadas compararam-se com o seu grupo de pares e 100% das mesmas vêem-se como tendo mais preocupações morais do que o seu grupo de pares. As crianças referem que os seus colegas parecem estar alheios ao que se passa à sua volta e mais preocupados com o seu próprio bem-estar, completamente despreocupados em procurar informação sobre o que se passa no mundo. Igualmente 100% dos pais que fizeram referências a comparações com o grupo de pares mencionaram também que o seu filho ou filha é “mais moral” do que as crianças da mesma idade. Os pais observam também mais competências socio-emocionais (que já se viu estarem ligadas à sensibilidade moral) nos seus filhos do que no grupo de pares:

A nível sentimental tem maior sensibilidade para aquilo que as pessoas sentem do que os miúdos da idade dele, ele é capaz de nos chamar à parte para conversar, para falar, ou consegue perceber que nós estamos tristes ou chateados e vem-nos dizer qualquer coisa para nos animar, vem conversar connosco. Ele é capaz de fazer isso e os miúdos da idade dele não têm essa percepção, nem conseguem sequer ter uma conversa mais adulta (pai de Miguel, 8 anos).

Impacto da sensibilidade moral

Categoria principal que responde à seguinte questão de investigação – qual o impacto da sensibilidade moral nas crianças sobredotadas?

Emoções e reacções associadas à sensibilidade moral.

Esta subcategoria é importante por ser uma das únicas fontes de informação sobre a forma como a sensibilidade moral impacta a criança ao nível psico-emocional. As três principais reacções emocionais identificadas foram tristeza (“há casos que me deixam mesmo muito triste”), raiva (“deixa-me chateada”) e frustração (“há uma frustração muito grande”). Estas reacções emocionais manifestam-se em choro e ansiedade. Parece existir uma certa minimização por parte das crianças quanto ao impacto emocional da sensibilidade moral: “Sinto-me mal mas não costuma afectar a minha vida diária. Penso muito nisso, fico um bocado nervosa”. Embora existam referências a estas reacções emocionais que causam sofrimento psicológico parece existir um menor impacto ao nível emocional do que o encontrado na literatura. Na literatura existem bastantes mais referências a reacções emocionais mais fortes, mais frequentes e com grande gravidade (Silverman, 1994; Sword, 2001; Tolan, 1998; Webb, 1998), o que foi encontrado na amostra até certo ponto, mas não ao nível esperado. Poderá ser pela relutância em expressar estas emoções e sentimentos mas também poderá ser pela ausência dos mesmos. Alguns pais referem ainda que as preocupações morais chegam a afectar outros contextos na vida da criança.

Fico triste quando ouço falar de animais que foram abatidos, não era por eles terem problemas, era por ninguém gostar deles e isso deixa-me triste. Em vez de abatê-los porque não gostam deles davam a alguém que gostasse. Poupavam a morte ao pobre animal. Deixa-me às vezes triste (Maria, 9 anos).

Desafios e dificuldades percebidos.

100% da amostra, quer de crianças quer de pais, reconhece a existência de dificuldades por existir uma acrescida sensibilidade moral. Dentro destas dificuldades as interpessoais são as mais referidas e transversais a toda a amostra. A informação encontrada na literatura sobre a qualidade do ajustamento social das crianças sobredotadas é muito

contraditória. Para alguns autores as crianças sobredotadas têm mais propensão para terem dificuldades na socialização mas, para outros, verifica-se o oposto – as crianças sobredotadas parecem ter maior facilidade nas relações interpessoais (Bahia & Trindade, 2012). Existem ainda autores que não encontraram diferenças entre a qualidade do ajustamento social entre crianças sobredotadas e não sobredotadas (Bahia & Trindade, 2012). Tanto crianças como pais referem que a criança deixou de ter amigos em algum momento no seu percurso escolar, muitas vezes por ter perspectivas, interesses e preocupações díspares dos seus colegas (“deixei de ter amigas na escola. Não me ligavam nenhuma...foi assim até ao sexto ano”). Existe a tendência de tentarem defender alguns colegas por considerarem que estão a ser injustiçados, acabando eles próprios por serem o alvo de chacota ou agressão (“ele ia e tentava separar a malta que estava a fazer confusão e às vezes sobrava para ele. Às vezes ele é que levava dos outros”). Se por um lado defendem os outros também têm dificuldade em defender-se a si próprios se consideram que isso vai contra os seus princípios:

Há um colega que embirra muito com ele e empurrou-o. Ele queixa-se e eu digo-lhe “se calhar tens de o empurrar também” e ele “não posso porque isso não se faz, é errado”. Às vezes dificulta a vida porque ele precisa de reagir de acordo com o que lhe fazem e não de acordo com as suas ideologias morais (mãe de Diogo, 9 anos).

Dentro dos desafios no seio familiar existe principalmente a menção a conflitos com os irmãos, quando estes existem, novamente devido à disparidade de formas de pensar. Em todos os casos o irmão ou irmã não tem sobredotação, não existindo à partida precocidade no desenvolvimento moral: “então às vezes eu e ela [irmã] zangamo-nos e eu também procuro a minha mãe para desabafar com isso porque eu não quero ficar mal com a minha irmã. Ela é minha irmã, pelo amor de Deus” (Maria, 9 anos). Existem ainda alguns conflitos com os pais por tentarem abafar as preocupações morais em vez de deixarem que a criança actue de forma amenizar a preocupação (e.g., através da busca de informação). A maior dificuldade apontada

por crianças e pais em relação ao contexto escolar foi não só nas relações com os outros, o que já foi discutido, mas também a desmotivação escolar. Não se considerou que estas dificuldades fossem um resultado directo da existência de sensibilidade moral pois costumam estar muito associadas à sobredotação em geral. Pela existência de um desenvolvimento cognitivo mais precoce as crianças acabam por ficar desmotivadas com as matérias escolares pelo facto de estarem atrasadas em relação às suas necessidades de conhecimento (Reis & McCoach, 2000; Smutny, 2011).

Desaparecimento das características de sensibilidade moral.

Os pais referem ter reparado que quando as crianças eram mais novas expressavam mais sensibilidade moral, era algo mais pertinente na vida deles. À medida a que se foram desenvolvendo e foram percebendo que os outros não são como eles e que isso até lhes pode trazer algumas consequências indesejáveis parecem ter encoberto a expressão de sensibilidade moral. O seguinte excerto ajuda a exemplificar: “na escola quando havia injustiças com outros colegas ele às vezes metia-se...agora nem tanto. Mas quando era mais miúdo (...) ele ia e tentava separar a malta que estava a fazer confusão e sobrava para ele” (pai de Eduardo, 15 anos).

Uma das crianças menciona explicitamente evitar mostrar que se preocupa com questões morais para que os outros não “impliquem” com ela: “eu às vezes faço isso [mostrar que se preocupa] mas só que quando eles [colegas de escola] me apanham começam a implicar então eu já evito, controlo-me um bocadinho que é para depois os do sexto ano não implicarem” (Maria, 9 anos). Existe ainda um rapaz que diz ter-se apercebido com a idade que o “mundo é injusto” e houve necessidade em adaptar-se a essa ideia em vez de se deixar sofrer com isso “quando era mais novo deixava-me mal mas hoje em dia compreendi que isso [injustiça no mundo] é uma coisa que acontece normalmente por isso já não é uma coisa que eu me preocupe. (Eduardo, 15 anos).

Estratégias de coping.

A estratégia de coping com mais referências e mais fontes é a que foi chamada “fazer algo para ajudar”. As crianças referem colocar de parte as roupas e brinquedos que já não têm uso para doar a quem precise, com a ajuda dos pais:

O meu pai todos os anos vai a Marrocos e há lá no deserto pessoas muito pobres.

Sempre que vemos “ai eu não brinco com isto há montes de tempo e não preciso disto para nada” meto dentro da caixa. Depois quando chega a altura de ir para Marrocos a caixa, invariavelmente, já está cheia e então ele leva. (Maria, 9 anos).

Existem referências a preocupações ambientais e a formas de contribuir com pequenas ajudas: “preocupo-me com a água. Os meus colegas deixam a torneira aberta e eu fecho-a. (...) Não podemos evoluir com as pessoas que não querem saber porque as pessoas têm de prestar atenção e de querer evoluir para podermos avançar” (Simão, 9 anos).

A segunda estratégia de coping com mais referências foi o coping social. As pessoas a que as crianças mais parecem recorrer para falar sobre as suas preocupações são os pais (“procuro a minha mãe para desabafar”). Um jovem diz que prefere desabafar com os seus professores pois eles dão mais atenção às suas preocupações morais e ao que ele tem para dizer: “uma professora minha no 6º ano, eu falava disso com ela e ela importava-se e falava com os alunos e via-se que conseguia corrigir isso. Realmente tinha atenção ao que eu dizia” (Eduardo, 15 anos). Uma das meninas refere que gosta mais de desabafar sobre estes assuntos com pessoas mais velhas que são amigas da família: “falo com pessoas amigas da minha mãe. Tenho amigas que são muito activistas e preocupam-se com estas coisas. Estas pessoas estão a cultivar-me muito, acho importante contactarmos com pessoas diferentes. São pessoas com que eu posso contar sempre” (Carolina, 13 anos). Não existe qualquer referência ao grupo de

pares como fonte de suporte nem são vistos como pessoas com quem podem conversar e desabafar sobre as suas preocupações.

Preocupações morais

Característica principal que responde à seguinte questão de investigação: quais as preocupações morais específicas com que as crianças se preocupam?

Injustiça.

É uma preocupação que aparece na literatura bastantes vezes (Rodrigues, 2010; Silverman, 1994; Tirri, 2011). As crianças mostram vontade em que as pessoas se respeitassem mais umas às outras e também as regras e leis que lhes são impostas pelo governo (“é preciso respeitar as ordens, as leis”). Envolvem-se em conflitos com os colegas para tentar que eles sejam mais justos uns com os outros: “arranjou alguns problemas na escola à conta disso, às vezes defende muito veementemente as injustiças que não têm a ver com ele e portanto isso em termos sociais na escola às vezes não é muito bem aceite” (mãe de Simão, 9 anos). Consideram também injusto que os humanos imponham a sua vontade aos animais pois como são seres “com consciência” deveriam ter a noção de que isso é injusto: “a violência animal é injusta porque é pior se o homem for mau para um animal do que se um animal for mau para um homem porque o homem tem mais consciência e tem de saber ditar melhor as suas acções” (Eduardo, 15 anos). Existe ainda outra citação que merece ser apresentada por mostrar muito bem o nível de consciência destas crianças:

Se fosse presidente do mundo inteiro acho que tentava fazer com que todas as pessoas tivessem uma vida normal e boa. Por exemplo aquelas pessoas lá em África que morrem à fome e à sede, que elas tivessem uma vida como a que nós temos. Que possam ter boa roupa para vestir, sapatos para calçar e uma casa onde viver. E coisas para comer e beber porque não é justo que enquanto algumas pessoas têm rios de

dinheiro para gastar outras estão ali a morrer sem dinheiro. Enquanto estas estão aqui a desperdiçar o dinheiro, outras estão ali a tentar poupar tudo para conseguirem comer um dia (Maria, 9 anos).

Ambiente.

Quatro crianças (66% da amostra de crianças) fazem referências a esta categoria e é uma preocupação moral que aparece também na literatura como uma preocupação das crianças com sensibilidade moral (Silverman, 1994). É importante levar em conta que as questões ambientais fazem parte do currículo escolar desde a escolaridade primária até provavelmente o 12º ano. Como tal é de certa forma natural que lhes seja uma realidade muito próxima e que o seu nível de consciência para os danos ambientais seja muito elevado. Dentro das questões ambientais o que teve mais referências foi a poluição, referida por três crianças. O seguinte exemplo foi considerado representativo desta subcategoria:

Devíamos era estar a preservar o planeta terra durante os milhões de anos todos que ele seja capaz de aguentar porque eu acho que todas as coisas têm princípio e um fim. Como a Terra se formou a Terra também deverá morrer um dia...daqui a muitos milhões de anos Deus queria que eu não esteja cá para ver. E então se nós estamos a poluí-lo estamos a fazer com que ele fique mais fraco e com menos qualidade e pode até chegar uma altura em que este planeta seja inabitável. E se chegar a esse ponto, de quem será a culpa? Dos Homens. Os Homens é que poluíram, agora nós teremos de pagar pelo que fizemos, os estragos que fizemos. (Maria, 9 anos).

As preocupações com a camada do ozono aparecem na literatura algumas vezes (Silverman, 1994; Smutny, 1998, 2011). Talvez seja pelo que já foi mencionado: a camada do ozono faz parte do currículo escolar. Três crianças da amostra também mencionaram preocupações com a destruição da camada do ozono:

Se alguma vez a camada do ozono ficar completamente destruída e tivermos de usar máscaras Deus queira que isso seja daqui a muitos milhões de anos e eu não esteja aqui para ver. Nem eu, nem a senhora, nem a minha irmã nem ninguém. Acredite que não será agradável (Maria, 9 anos).

Existem também referências à extinção dos recursos da Terra e à forma como o homem faz uma exploração dos mesmos que não é sustentável (“não devemos gastar os recursos da Terra”).

Maus tratos a animais.

Com 14 referências a partir de quatro crianças e dois pais está a preocupação com os maus tratos a animais. Esta é uma preocupação que aparece muito na literatura (Silverman, 1994; Smutny, 1998, 2011). Considera-se que esta será sempre uma das preocupações morais que será mais transversal a todas as crianças, não necessariamente as que são sobredotadas nem as que têm sensibilidade moral. Considerou-se os seguintes excertos para exemplificar esta categoria:

Maus tratos ela não entende, ela gosta tanto dos animais. Quando há uma notícia ou alguma coisa desse género ela aí revolta-se e fica a discursar. Ela é uma criança com capacidades cognitivas muito avançadas mas não tem a vivência e o tempo de vida de um adulto. (mãe de Maria, 9 anos).

Guerra e refugiados.

100% das crianças da amostra e uma mãe faz referência a situações de guerra ou refugiados como sendo uma preocupação moral. Aparece também na literatura como uma preocupação moral das crianças (Károlyi, 2006; Silverman, 1994; Smutny, 1998). Apresenta-se o seguinte excerto:

A guerra é estúpida e não serve para nada. Eu não percebo como é que essas pessoas são tão más umas para as outras. Eu tenho pena dos outros que estão lá, vítimas da guerra. As pessoas que estão lá a fazer a guerra podiam aprender alguma coisa e ter alguma luz dentro deles mas têm só a escuridão. Queria que não houvesse pessoas más e que todas se preocupassem com os outros. Porque essas pessoas não são boas, só querem ver a dor (Simão, 9 anos).

Pobreza.

Cinco crianças (83% da amostra) mencionam preocupar-se com que foi chamado pobreza mas inclui a falta de recursos em geral por parte de algumas pessoas (e.g., cuidados médicos) e aparece na literatura como uma das principais preocupações morais de crianças com sensibilidade moral (Silverman, 1994; Smutny, 1998): “Na fome as pessoas não se preocupam que há pessoas com fome (...) porque eles próprios não têm fome e não sabem o que isso é e não tentam perceber” (Sofia, 13 anos).

Política e crises económicas.

Não é uma preocupação moral que tenha sido encontrada na literatura e não se esperava que tivesse referências no presente estudo pela idade das crianças e por se considerar que embora exista uma tentativa no currículo escolar português para sensibilizar as crianças para estas temáticas (Educação para a Cidadania) esta é insuficiente (Ribeiro, Neves & Menezes, 2014). No entanto existem dois pais e dois jovens que referenciam preocupações morais de ordem política, sendo que uma jovem o faz com bastante revolta. Pode colocar-se a hipótese de a política ser um tema muito debatido hoje em dia e nos anos anteriores pelas circunstâncias em que o país se encontrou e se encontra, quer a nível político quer a nível económico, e as crianças têm contacto com esta informação.

Abandono e maus tratos de crianças.

Uma menina e a sua mãe referiram o abandono de crianças como uma preocupação moral e algo que causa muita tristeza. Na literatura encontrou-se a preocupação com as outras crianças no sentido de lhes faltarem recursos (e.g., brinquedos, roupa) (Silverman, 1994). Pode ler-se a citação da menina que refere ainda que teve acesso a esta informação através da televisão:

Acho que é principalmente eu ver muitas vezes histórias na televisão de pais ou mães que vão por os filhos a instituições ou então que as autoridades retiram as crianças aos pais e eu acho isso muito triste. E dou graças a Deus por a minha mãe e o meu pai gostarem mesmo de mim e não fazerem nenhuma coisa má para eu ter de ir para uma instituição. (Maria, 9 anos).

Futuro.

Duas crianças referem preocupações com a forma como o futuro vai ser pelo que a Humanidade fez no passado e faz no presente. As crianças sobredotadas são particularmente capazes de imaginar e pensar sobre o futuro e sobre como as coisas serão, tendo ao mesmo tempo uma visão mais pessimista do futuro (George & Gallagher, 1979). A seguinte citação é a que melhor representa esta subcategoria:

Isto vai ser o futuro, nós somos novos e isto vai ser o nosso futuro. Acho muito importante as pessoas desde novas saberem o que está a acontecer. Por exemplo as crianças quando houve os atentados de Paris andava tudo “ai não vamos explicar” mas têm de explicar! É preciso dizer-lhes que a segurança está a aumentar, que estão a existir esforços políticos para resolver a situação. (Carolina, 13 anos).

Discriminação e bullying.

Esperava-se que a discriminação ou *bullying* tivesse uma representatividade muito maior do que a que teve, não só por ser uma temática considerada muito presente na infância e adolescência como também por ter aparecido na literatura como importante para crianças com sensibilidade moral (Sword, 2001). Uma mãe refere que a sua filha é bastante sensível a questões de discriminação: “é muito sensível por exemplo a formas até mesmo subtis de *bullying*. Ela preocupa-se com questões raciais, questões de discriminação ideológica, religiosa, económica...portanto tudo aquilo que torna os outros diferentes e potencialmente vítimas é uma coisa que a interessa” (mãe de Carolina, 13 anos).

Preocupações que aparecem na literatura e não foram encontradas na amostra.

Num estudo de Norman Bull (2010) em que se tentou investigar o raciocínio moral de crianças dos 7 aos 17 anos de idade (não sobredotadas) chegou-se a cinco preocupações morais, duas das quais apareceram na amostra (o valor da vida e os maus tratos a animais) mas três delas não apareceram neste estudo: mentir, roubar e copiar (no sentido de copiar em testes e trabalhos escolares). Estas temáticas foram identificadas como sendo as que mais preocupam as crianças em geral e as questões morais com que mais se debatem mas não foram especificamente referidas pela amostra. Pode colocar-se a hipótese de estarem incluídas dentro do chapéu “injustiça”.

Estratégias parentais

A subcategoria “estratégias parentais” pretendia dar resposta ao objectivo de conhecer a forma como os pais lidam com as suas crianças com sensibilidade moral. Esta categoria responde à seguinte questão de investigação: quais as estratégias utilizadas pelos pais na lida com as suas crianças? Foram identificadas as seguintes estratégias parentais dentro desta categoria:

Aceitação das sugestões da criança.

Os pais ouvem activamente e prestam atenção ao que a criança pensa e diz. Procuram modificar alguns dos seus próprios comportamentos pela compreensão de que não só é uma boa ideia como irá fazer a criança sentir-se melhor (e.g., ser mais consciente em fazer uma alimentação vegetariana por sugestão da criança). Um exemplo: “também não aceita o que nós dizemos assim logo à primeira, primeiro tem de argumentar muito e às vezes convence-nos. Se tiver razão o argumento dela às vezes convence-nos” (mãe de Maria, 9 anos).

Afiliação a grupos de apoio.

Os pais compreendem as suas limitações em corresponder às necessidades da criança e por esse motivo deixam a criança frequentar grupos de apoio. Todas as crianças da amostra estão num grupo de apoio (ANEIS) e, por esse motivo, não se considerou que fosse especificamente pela existência de sensibilidade moral.

Debater as preocupações morais da criança.

Estratégia mais utilizada pelos pais da amostra. Os pais procuram ouvir as preocupações da criança, conversar e debater as mesmas, perceber os motivos e quais as soluções que a criança encontra e ajudar na resolução do conflito: “tentar que ele exteriorize o que o preocupa...muitas vezes vemos que ele está aborrecido e é preciso um saca-rolhas para ele dizer qualquer coisa. A estratégia é falar com ele (...), depois tentamos explicar-lhe melhor as situações para ele ultrapassar essa preocupação” (pai de Eduardo, 15 anos).

Inibição.

Os pais não levam a criança a sério e vêem as suas preocupações como não merecedoras de real atenção. Procuram inibir a criança dizendo coisas como “isso não é nada” ou “pensa noutras coisas”: “nós tentávamos sempre dizer-lhe (...) ele não tinha que se

meter na vida nem nos problemas dos outros. Mesmo que se aquilo a que ele assistia fosse uma injustiça ele não tinha de se meter na vida dos outros” (pai de Eduardo, 15 anos).

Conclusão

Este estudo aumentou a compreensão do conceito de sensibilidade moral em crianças sobredotadas e o impacto que o fenómeno tem nas suas vidas. A ideia principal que se deve retirar dos resultados é que as crianças com sensibilidade moral manifestam sofrimento psicológico e é necessário explorar mais a temática para que se possa intervir. Na amostra utilizada foi possível identificar algumas manifestações desadaptativas também presentes na literatura – ansiedade, sentimentos de impotência, isolamento social e stress (Harrison & Van Haneghan, 2011; Lamont, 2012). Com estas dificuldades de natureza internalizante as crianças que apresentam sensibilidade moral beneficiariam de um acompanhamento clínico com intervenção cognitiva-comportamental, cuja eficácia para perturbações de humor e de ansiedade foi já estudada (Butler, Chapman, Forman, & Beck, 2006; Hofmann & Smits, 2008). Porque estas crianças se sentem desamparadas e sozinhas na sua busca por um mundo melhor e mais justo é importante estimulá-las para alguns comportamentos e actividades que poderão trazer algum alívio e sentimento de pertença (e.g., voluntariado, trabalho comunitário, doações). Na educação seria ainda importante que fossem expostas a áreas curriculares como ciência, estudos sociais e filosofia mais cedo do que as restantes crianças devido à sua consciência precoce destas temáticas (Van-Tassel & Baska, 2008).

Outra das pistas para a intervenção que se pode retirar desde estudo é a necessidade de trabalhar as estratégias de coping com estas crianças de forma a dar-lhes novas ferramentas para poderem lidar com a sua preocupação e frustração e competências de resolução de problemas uma vez que têm tendência a desenvolver estratégias de coping infrutíferas (Paiva, 2014; Roeper, 1982). É ainda necessário que os pais explorem mais as questões morais à

medida a que elas surgem, mesmo que pareçam descabidas, e de forma adaptada à idade da criança.

Uma sugestão para investigações futuras é que a amostra seja constituída apenas por crianças mais novas e prescindir a utilização de pré-adolescentes/adolescentes. Reparou-se que as respostas mais ricas foram dadas em grande parte pelas crianças mais novas do grupo utilizado (as de 9 anos) e as crianças mais velhas foram menos participativas. Existe também tendência a que a sensibilidade moral desapareça ou seja encoberta a partir de determinada idade. Estes resultados vão ao encontro de outros estudos realizados com crianças sobredotadas (Silverman, 1994; Smutny, 1998), indicando que a extrema capacidade de adaptação destas crianças leva-as a esconderem algumas partes de si próprias para poderem integrar-se em sociedade, dificultando o estudo desta característica. Seria também interessante fazer uma investigação quantitativa em relação ao sofrimento psicológico causado pela sensibilidade moral construindo novos instrumentos ou adaptando os existentes. Outra perspectiva interessante mas trabalhosa seria estudar a fundo as estratégias que os pais utilizam e o efeito de cada estratégia na criança quanto à sensibilidade moral. Um estudo com este design traria informação muito rica quanto às estratégias que melhor resultam no caso da sensibilidade moral e poderiam orientar a prevenção e intervenção.

Uma limitação do estudo foi o facto de a amostra à disposição ser pequena e muito heterogénea, o que obrigou à utilização de crianças com idades muito díspares entre si e com QI's também muito díspares. Na literatura encontrou-se evidências de que quanto mais elevado o QI, mais visíveis são as características que se tentou estudar (Tirri et al., 2009).

Referências bibliográficas

- Achenbach, T., & Rescorla, L. (2001). *Manual for the ASEBA School-Age Forms & Profiles*. Burlington, VT: University of Vermont, Research Center for Children, Youth, & Families.
- Alberta Learning. (2004). *The Journey: A handbook for parents of children who are gifted and talented*. Edmont, Alberta: Alberta Learning and Teaching Resources Branch.
- Alencar, S., & Souza, D. (2003). *Criatividade: múltiplas perspectivas*. Brasília: Editora UnB.
- Bahia, S., & Trindade, J. (2012). Emoções na sobredotação: Da teoria à prática. *AMAzônica - Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação*, 10(3), 165-185.
- Beck, A. (1988). *Beck Hopelessness Scale*. The Psychological Corporation.
- Bull, N. (2010). *Moral judgement from childhood to adolescence*. NY: Taylor & Francis Group. doi: 10.1177/000276427101400313
- Butler, A., Chapman, J., Forman, E., & Beck, A. (2006). The empirical status of cognitive-behavioral therapy: A review of meta-analyses. *Clinical Psychology Review*, 26(1). doi: 10.1016/j.cpr.2005.07.003
- Columbus Group. (1991). Unpublished transcript of the meeting of the Columbus Group. Columbus, OH.
- Costa, F. (2012). *Pais e crianças sobredotadas: Representações sobre as relações dos sobredotados com os pares* (Tese de mestrado). Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- DeLisle, J. (1992). *Guiding the social and emotional development of gifted youth*. New York: Longman Publishing Group.
- Falcão, I. (1992). *Crianças sobredotadas: Que sucesso escolar?* Rio Tinto: ASA.
- Fleming, J. (2006). *Piaget, Kohlberg, Gilligan, and others on moral development*. Retrieved from [https://www2.warwick.ac.uk/fac/cross_fac/iatl/activities/modules/ugmodules/Ethical beings/theoretical_approach_intro_reading.pdf](https://www2.warwick.ac.uk/fac/cross_fac/iatl/activities/modules/ugmodules/Ethical%20beings/theoretical_approach_intro_reading.pdf).
- Gagné, F. (2000). Understanding the complex choreography of talent development through DMGT-based analysis. In K. Heller, F. Monks, R. Sternberg, & R. Subotnik (Eds), *International handbook of giftedness and talent*, (pp. 67-79). Oxford: Pergamon.

- Gardner, H. (2011). *Frames of mind: The theory of multiple intelligences* (3rd ed.). NY: Basic Books. doi: 10.1002/pam.4050030422
- George, P., & Gallagher, J. (1979). Children's thoughts about the future: A comparison of gifted and non-gifted students. *Journal for the Education of the Gifted*, 2, 33-42.
- Gert, B., & Gert, J. (2016). *The Definition of Morality*. The Stanford Encyclopedia of Philosophy. Retirado de <http://plato.stanford.edu/archives/spr2016/entries/morality-definition/>.
- Goleman, D. (2006). *Social intelligence: The new science of human relationships*. New York: Bantam Books. doi: 10.1002/jpoc.20099
- Gregory, R. (2013). The history of psychological testing. In *Psychological Testing: History, Principles and Applications* (7th ed.). US: Pearson Education.
- Gross, M. (2011, August). Play partner or sure shelter? Why gifted children prefer older friends. Paper presented at Australasian International Conference on the Education of Gifted Students. Australia, Melbourne.
- Gullone, E. (2000). The development of normal fear: A century of research. *Clinical Psychology Review*, 20, 429-451. doi:10.1016/S0272-7358(99)00034-3.
- Harrison, G., & Van Haneghan, J. (2011). The gifted and the shadow of the night: Dabrowski's overexcitabilities and their correlation to insomnia, death anxiety, and fear of the unknown. *Journal for the Education of the Gifted*, 34, 669-697. doi: 10.1177/016235321103400407
- Hofmann, S., & Smits, J. (2008). Cognitive-behavioral therapy for adult anxiety disorders: A meta-analysis of randomized placebo-controlled trials. *Journal of Clinical Psychiatry*, 69(4), 621-632. doi: 10.4088/JCP.v69n0415
- Hollingsworth, L. (1942). *Children above 180 IQ Stanford-Binet: Origin and development*. NY: World Book. doi: 10.1037/13574-000
- Károlyi, C. (2006). Issue awareness in young highly gifted children: Do the claims hold up? *Roeper Review*, 28(3), 167-174. doi:10.1080/02783190609554356
- Kohlberg, L. (1976). Moral stages and moralization. In *Moral development and behavior*. New York: Holt, Rinehart and Winston.

- Lamont, R. (2012). The fears and anxieties of gifted learners: Tips for parents and educators. *Gifted Child Today*, 34(4), 271-276. doi: 10.1177/1076217512455479
- Lourenço, O., & César, M. (1991). Teste de definição de valores morais de Rest: Pode ser usado na investigação moral portuguesa? *Análise Psicológica*, 2(9), 185-192.
- Narvaez, D. (1993). High achieving students and moral judgment. *Journal for the Education of the Gifted*, 16, 268–279. doi: 10.1177/016235329301600304
- Narvaez, D. (2001). Ethical sensitivity: Activity booklet 1. Retrieved from <http://www.nd.edu/~dnarvaez/>.
- Norberto, R., Neves, T., Menezes, I. (2014). Educação para a cidadania em Portugal: contributos para analisar a sua evolução no currículo escolar português. *Currículo sem Fronteiras*, 14(3), 12-31.
- Piaget, J. (1932). *The moral judgement of the child*. London: Kegan, Paul, Trench, Trubner & Co.
- Pocinho, M. (2009). Superdotação: Conceitos e modelos de diagnóstico e intervenção psicoeducativa. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 15(1), p. 3-14.
- Power, C., Nuzzi, R., Narvaez, D., Lapsley, D., & Hunt, T. (2008). *Moral education: A handbook* (Vol.1). London: Praeger. doi: 10.1086/669796
- Proctor, L. (1929). *A case study of thirty superior colored children in Washington* (Master Thesis). University of Chicago, Chicago.
- Reis, S., & McCoach, D. (2000). The underachievement of gifted students: What do we know and where do we go? *Gifted Child Quarterly*, 44(3), 152-170. doi: 10.1177/001698620004400302
- Renzulli, J. (2011). What makes giftedness? Reexamining a definition. *Phi Delta Kappan Classic*, 92(8), 81-88. doi: 10.1177/003172171109200821
- Rest, J. (1979). *Development in judging moral issues*. Minnesota: University of Minnesota Press.
- Rodrigues, N. (2010). *Pais de crianças sobredotadas: Representações e dimensões parentais* (Tese de mestrado). Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, Lisboa.

- Roeper, A. (1982). How the gifted cope with their emotions. *Roeper Review*, 5(2), 21-24. doi:10.1080/02783198209552672
- Roger, K. (1997). Young gifted children. *Gifted Children's Association of British Columbia*, 1 (1).
- Silverman, L. (1983). Personality development: The pursuit of excellence. *Journal for the Education of the Gifted*, 6(1), 5-19.
- Silverman, L. (1992). How parents can support gifted children. *ERIC Clearinghouse on Handicapped and Gifted Children*. Reston VA.
- Silverman, L. (1993). A developmental model for counseling the gifted. In L. K. Silverman (Ed.), *Counseling the gifted and talented*. Denver, CO: Love.
- Silverman, L. (1994). The moral sensitivity of gifted children and the evolution of society. *Roeper Review*, 17, 110-116. doi:10.1080/02783199409553636
- Smutny, J. (1998). *The young gifted child: potential and promise, an anthology*. Cresskill, NJ: Hampton.
- Smutny, J. (2011). Why am I here? What makes the world so unfair? Reaching out to the questing gifted child. In The National Association for Gifted Children (Eds.), *Parenting Gifted Children* (pp. 440-453). Texas: Prufrock Press Inc.
- Sword, L. (2001). *Psycho-social needs: Understanding the emotional, intellectual and social uniqueness of growing up gifted*. Gifted and Creative Services Australia.
- Terrassier, C. (1985). Dyssynchrony – uneven development. In J. Freeman (Ed.). *The psychology of gifted children* (pp. 256-274). NY: Wiley.
- Tirri, K. (2011). Combining excellence and ethics: implications for moral education of the gifted. *Roeper Review*, 33, 59-64. doi:10.1080/02783193.2011.530207
- Tirri, K., Nokelainen, P., & Mahkonen, M. (2009). How morality and religiosity relate to intelligence: A case study of mathematically gifted students. *Journal of Empirical Theology*, 22, 70-87. doi: 10.1163/157092509X437224
- Tolan, S. (1998). The lemming condition: Moral asynchrony and the isolated self. *Roeper Review*, 20(3), 211-214. doi:10.1080/02783199809553893

Van Tassel-Baska, J. (2008). *What works in curriculum for the gifted*. Asia Pacific Conference on the Gifted.

Webb, J. (1998). Existential depression in gifted Individuals. *Communicator*, 29(3), 62-69.

Winstead, S. (1999). Worries of primary gifted girls (Doctoral dissertation). Georgia University, Georgia.

Anexo A
Guião de entrevista semi-estruturada às crianças

Blocos temáticos	Objectivos gerais	Objectivos específicos
Bloco 0 - Introdução e objectivos da entrevista	Garantir a confidencialidade; explicar objectivos da entrevista; pedir para gravar;	Objectivos: Compreender como foi o desenvolvimento moral; questões morais com que se preocupam; como lidam com a preocupação; desafios e dificuldades com que se deparam.
Fase 1	Ver se a criança percebe o que é a moralidade e qual o seu conceito de moralidade. Tirar dúvidas e oferecer explicações quando necessário. Perceber se a criança se acha muito ou pouco moral	Chegar a uma definição adequada à idade sobre o que é a moralidade para garantir que a criança compreende o teor da entrevista.
Fase 2 - Questões morais	Averiguar preocupações morais que a criança tenha.	A criança tem preocupações morais? Quais? Oferecer exemplos se a criança não souber o que é. Temas morais com que se preocupa De que forma esses temas a preocupam? O que faz para se sentir melhor?» A criança considera que se preocupa mais do que o normal/mais do que os colegas?
Fase 3 - Desenvolvimento	Conhecer a percepção da criança sobre o desenvolvimento da sensibilidade moral	Quando se apercebeu de que era um pouco diferente dos colegas; Como é que lidou com isso na altura; como se sentiu; Falou com alguém sobre isso? Oferecer características de pessoas com sensibilidade moral e perguntar à criança com quais se identifica
Fase 4 - Desafios/dificuldades	Conhecer a percepção da criança em relação às suas próprias dificuldades, desafios e particularidades	Dificuldades/desafios em casa; na escola; com o grupo de pares; com outros adultos
Fase 5 - Coping	Estratégias de coping utilizadas pela criança	Tipo de estratégias específicas

Anexo B

Guião de entrevista semi-estruturada aos pais

Blocos temáticos	Objectivos gerais	Objectivos específicos
<u>Bloco 0 - Introdução e objectivos da entrevista</u>	Pedir para gravar; garantir confidencialidade; explicar objectivos da entrevista	Objectivos da entrevista: compreender como foi o desenvolvimento moral da criança; questões morais com que esta se preocupa; desafios e dificuldades com que os pais se deparam; estratégias que utilizam com a criança para gerir a preocupação.
<u>Fase 1 - "sondagem"</u>	Compreender se os pais se apercebem da sensibilidade moral da criança ou não	Vêm a criança como muito ou pouco moral e porquê; Consideram-se a si mesmos sensíveis do ponto de vista moral? A criança menciona por vezes questões morais com que se preocupa? Que tipo de problemas? Consideram que a criança se preocupa mais do que seria normal?
<u>Fase 2 - Início do desenvolvimento moral</u>	Recolher informação sobre o desenvolvimento moral da criança na perspectiva dos pais	Idade em que se aperceberam que a criança era um pouco diferente Que factores os fizeram considerar a criança diferente? (comportamentos da criança, verbalizações); Como lidaram com a criança ao longo do seu desenvolvimento; Género de atitudes/comportamentos/comentários que a criança fazia; Como se foi desenvolvendo ao longo do tempo a nível moral;
<u>Fase 3 - Desafios/dificuldades percebidas</u>	Conhecer as dificuldades ou desafios que os pais identificaram devido à sensibilidade moral acrescida da criança	Dificuldades percebidas pelos pais em lidar com a criança Dificuldades da criança que os pais tenham reparado (ex.: na escola, com o grupo de pares, em casa...)
<u>Fase 4 - Estratégias</u>	Estratégias utilizadas com a criança e	Que estratégias usam na lida com a criança? Estratégias inibitórias? Estratégias facilitadoras? Deixam a criança expressar as suas preocupações? Promovem o debate e a estimulação?

Anexo C

Categorias identificadas, número de fontes e referências por categoria e respectivas descrições

Categorias	Fontes	Referências
1 - Características de sensibilidade moral identificadas na amostra Características associadas na literatura a sensibilidade moral e identificadas na amostra	11	90
Sentido de justiça Verbalizações relacionadas com a necessidade de ser justo e não injusto com os outros	10	22
Internalização Referências da criança ou dos pais em como a criança “sofre para dentro” em vez de verbalizar as suas preocupações	6	13
Altruísmo e Solidariedade	7	11
Empatia com os outros	6	11
Defesa dos outros	5	9
Descentração Capacidade em deixar a esfera pessoal e colocar-se no lugar do outro, tomando a sua perspectiva. Compreensão do efeito das suas acções nos outros.	5	9
Hopelessness A criança sente que nada pode fazer para modificar o que a preocupa. Não tem recursos, autoridade nem capacidades para “mudar o mundo” e não existem outras pessoas que se preocupem e que a possam ajudar	3	5
Boa memória e ruminação A criança tem uma memória extrema para pormenores que a maioria das pessoas não repara e existe ruminação de certos pensamentos	1	2
Lealdade para com os outros	1	2
Recusa em fazer o que considera errado	1	2
Procura a companhia de crianças e adultos mais velhos	2	2
Perseverança e teimosia	1	1
Criatividade	1	1
2 - Reconhecimento da existência de sensibilidade moral	12	46
Idade ou altura da percepção da existência de sensibilidade moral Idade ou altura em que os pais (ou as crianças) reconheceram a existência de preocupações morais mais intensas do que as do grupo de pares	7	7
Reconhecimento da existência de sensibilidade moral pelas crianças Referências associadas à percepção da criança em como tem preocupações morais mais intensas do que o grupo de pares	6	10
Reconhecimento da existência de sensibilidade moral pelos pais Referências associadas à percepção dos pais sobre a existência de preocupações morais na criança	6	9
Comparação com o grupo de pares Comparação das crianças com o grupo de pares – percepção das crianças e também dos pais	10	20
3 – Impacto da sensibilidade moral	12	85

Desafios e dificuldades percebidos Desafios e dificuldades percebidos por pais e crianças resultantes da existência de sensibilidade moral	11	30
Escolares Interferência com o domínio escolar (e.g., motivação) não incluindo dificuldades interpessoais mesmo que sejam com colegas de escola	2	4
Familiares Interferência com as dinâmicas familiares na perspectiva dos pais. Estão incluídas nesta categoria conflitos e dificuldades interpessoais dentro do seio familiar	4	4
Interpessoais Dificuldades na socialização com outras pessoas (incluindo colegas de escola) com a exclusão de pessoas da família	11	21
Desaparecimento das manifestações de sensibilidade moral Existência de referências ao desaparecimento das manifestações de sensibilidade moral com a progressão da idade (fenómeno encontrado na literatura)	4	6
Afectos associadas à sensibilidade moral Sentimentos, pensamentos e reacções da criança associados às preocupações morais que tem	8	21
Estratégias de coping Que estratégias é que a criança arranjou para amenizar a sua preocupação	7	28
Coping social Procura de apoio junto de outras pessoas	3	6
Falar com pais	3	4
Falar com professores	1	1
Pessoas conhecidas ou amigas	1	1
Evitamento A criança utiliza estratégias de evitamento ou distração	3	5
Fazer algo para ajudar A criança procura contribuir com o que pode e, desta forma, amenizar a sua preocupação. (e.g., doar o que já não usa)	5	12
Informação ou racionalização A criança procura acalmar-se procurando informação sobre o que a preocupa e racionalizando a preocupação	2	3
Recurso à religião Procura de apoio na religião e na fé	1	2
4 - Preocupações morais Questões morais referidas pelas crianças ou pelos pais como sendo causadoras de preocupação para as mesmas	12	96
Justiça Preocupações com a injustiça praticada pelos outros	10	22
Ambiente Qualquer menção a preocupações relacionadas com o meio ambiente e com os recursos do planeta	4	17
Poluição (e.g., aquática, atmosférica)	3	6
Camada do ozono Preocupações com a destruição da camada do ozono e suas repercussões	3	5

Extinção de recursos (e.g., água, alimento)	2	4
Maus tratos de animais Qualquer género de menção a abuso, tortura, maus tratos, desrespeito para com animais.	6	14
Guerra e refugiados Preocupações morais com questões de guerra e também preocupações com as vítimas (refugiados). Categoria que inclui ainda referências a terrorismo.	7	13
Pobreza Qualquer referência a pobreza, miséria, falta de recursos das pessoas (e.g., comida, dinheiro, água). Exclui a menção a refugiados.	7	8
Política Questões morais de natureza política	4	7
Crises económicas Referências a preocupações com crises económicas e a forma como estas afectam as pessoas e os países	1	5
Abandono e maus tratos de crianças Preocupações com o abandono de crianças (e.g., em instituições), abuso sexual, retirada da criança à família de origem por falta de condições. Falta de recursos considerados pela criança como essenciais (e.g., brinquedos ou amor dos pais).	2	2
Liberdade de expressão Preocupação com a falta de liberdade de expressão e com a censura	1	3
Futuro Preocupações com o seu próprio futuro ou com o futuro da humanidade	2	2
Discriminação e <i>bullying</i> Referências a preocupações relacionadas com o <i>bullying</i> e com a discriminação de outros por qualquer motivo (e.g., raça, aparência, nacionalidade)	1	2
Morte e conceito de infinito Referências a preocupações com o conceito de morte e o que é o infinito	1	1
5 - Estratégias parentais Estratégias empregues pelos pais na lida com a criança de forma a amenizar as suas preocupações morais	4	9
Aceitar algumas das sugestões da criança Os pais ouvem e compreendem as preocupações da criança e procuram modificar alguns dos seus comportamentos para oferecer ajuda	1	1
Afiliação a grupos de apoio Os pais procuram grupos de apoio onde integrar a criança	1	1
Debater as preocupações morais Os pais tentam “desmontar” as preocupações da criança, oferecer informação e explorar estratégias que acalmem a criança	4	6
Inibição Os pais não procuram explorar as preocupações da criança, em vez disso utilizam estratégias inibitórias como a distração.	1	1